

Seção Especial

Entrevista com a Professora Mestra Maria de Fátima Prates Ferreira

Por Rogério Drago

Em março de 2016, o Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Especial (NEESP) completa 20 anos. Como parte das atividades comemorativas desta data, a *Revista Eletrônica Educação Especial em Debate* decidiu resgatar um pouco da história desse Núcleo e da educação especial no Centro de Educação da UFES por meio de uma entrevista com a professora Maria de Fátima Prates Ferreira.

Para a realização desta entrevista, fomos recebidos pela professora em sua casa. Como se tratou muito mais de uma conversa amistosa do que de uma entrevista estruturada, optamos por narrar o diálogo estabelecido, ao invés de transcrever perguntas e respostas como tradicionalmente ocorre quando se publica uma entrevista.

A professora Maria de Fátima Prates Ferreira é formada em Pedagogia pela UFES e tem Mestrado em Educação pela UERJ. Foi professora do Centro de Educação da UFES de 1979 a 1999, quando se aposentou. Atuou também como professora do curso de Pedagogia da FAESA, além de outras instituições particulares de ensino superior na região da Grande Vitória. Foi uma das responsáveis pela criação das disciplinas voltadas para a área da educação especial no curso de Pedagogia da UFES e também pela criação, junto com outras professoras, do NEESP.

Em relação à disciplina da área de educação especial que constava do currículo do curso de Pedagogia, a professora Maria de Fátima nos disse que, antes da implantação de um novo currículo do curso de Pedagogia, em 1990, os alunos tinham a oportunidade de cursar, como optativa, a disciplina Tópicos em Educação – Educação Especial. Depois é que se conseguiu introduzir essa disciplina no currículo como obrigatória, passando a se chamar “Introdução à Educação Especial”, período em que o curso se torna Licenciatura em Pedagogia – Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Educação Infantil, formando o professor.

Nesse mesmo período, segundo a professora, tem início também um curso de aperfeiçoamento, depois transformado em especialização em Educação Especial.

A partir da mudança curricular, a Educação Especial foi se consolidando no curso. “Introdução à Educação Especial” foi a primeira disciplina oferecida em caráter obrigatório e, na estrutura curricular, entrava logo no início do curso e as demais (Desenvolvimento Curricular em Educação Especial I e Desenvolvimento Curricular em Educação Especial II), ao final do curso. Segundo a professora, essas outras disciplinas surgem no curso quando se passa a ter a Habilitação “Magistério da Educação Especial – Problemas de Aprendizagem e Deficiência Mental”, em 1995.

Em relação ao interesse pela área de educação especial, Maria de Fátima nos disse que sua motivação para desenvolver estudos nessa área de conhecimento se deu desde o magistério do Ensino Médio, antigo segundo grau, quando ela já tinha contato com pessoas que hoje compõem o público-alvo da educação especial. Disse-nos que seu interesse inicial era cursar Psicologia, mas, por vários motivos próprios da época, cursou Pedagogia e depois, já professora da UFES, foi fazer o Mestrado em Educação – Educação Especial na UERJ. Iniciou a carreira no magistério do Ensino Superior na UFES trabalhando com História da Educação. Mas foi desenvolvendo disciplinas ligadas à Psicologia, como Problemas Comportamentais do Educando, que seu interesse pela área foi aumentando cada vez mais. No curso de Mestrado, segundo relatou, fez todas as disciplinas de Altas Habilidades, Deficiência Intelectual, Deficiência Visual e Auditiva. Mas seu foco central era o Déficit Intelectual, que foi o foco central da sua dissertação.

Como mencionado anteriormente, com seu retorno à UFES após conclusão do Mestrado conseguiu inserir, como optativa, a disciplina Tópicos em Educação – Educação Especial. No ano de 1989 estava na chefia de departamento, o que lhe assegurava participação nas reuniões do Conselho Departamental. Nesse período a discussão em foco era a mudança da estrutura curricular do Curso de Pedagogia. Daí começou a trajetória para inserir a disciplina no novo currículo, desta feita não mais como optativa, mas como obrigatória. E, assim, a disciplina que era optativa passa a ser obrigatória, com o nome de “Introdução à Educação especial”. Salientou, entretanto, que esse processo foi marcado por muita discussão e convencimento, mostrando à comunidade do antigo Centro Pedagógico a importância da área para a formação docente.

Quando indagada a respeito da receptividade dos alunos em relação às primeiras disciplinas da área de educação especial no curso de Pedagogia, a professora Maria de Fátima responde:

Avalio como excelente a receptividade, principalmente por parte dos alunos do curso de Pedagogia, haja vista a formação de uma turma com cerca de 15 alunos na primeira vez em que a Habilitação "Magistério de Educação Especial – Problemas de Aprendizagem e Deficiência Mental" foi oferecida pelo Centro Pedagógico da UFES (hoje Centro de Educação). Interessante se faz salientar que um número significativo de ex-alunos da habilitação são doutores e lecionam em Instituições de Ensino Superior pública ou privada. Trabalhando na educação especial do Centro de Educação da UFES, hoje, cito, entre outros professores, Hiran, Sonia, Rogério, Vitor, Reginaldo, Mariângela, Inês e Edson.

A professora destacou que, com a volta da professora Denise Meyrelles de Jesus do curso de doutorado e com a articulação com outros professores, como Tânia Ramalho, foi-se criando um grupo mais coeso, que se dedicou mais à área da Educação Especial. Nesse processo, esse pequeno grupo cria um curso de aperfeiçoamento na área e também o Grupo Emergente em Educação Especial, que deu origem inicialmente ao Laboratório de Educação Especial e, posteriormente, ao Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Especial. Destaca que, inicialmente, este Grupo Emergente tinha disponível uma salinha no corredor interno do prédio IC-IV, do antigo Centro Pedagógico, onde atendiam crianças com necessidades especiais de uma escola da rede estadual de ensino. Processualmente o grupo foi crescendo em termos de estudos, aperfeiçoando-se mais e participando de eventos. Esse grupo, que era pequeno, foi ganhando uma proporção maior com o ingresso de outros professores que ministravam disciplinas para o curso de Pedagogia e para outros cursos da UFES, como Psicologia e Educação Física no antigo Centro Pedagógico, além de estagiários dos cursos de Pedagogia, Psicologia, Educação Física e Serviço Social, possibilitando a formação de um grupo interdisciplinar de atendimento não só a crianças, mas também a outros alunos, inclusive adolescentes. Esse grupo interdisciplinar trabalhava com extensão e com pesquisa. A organização desses professores e o reconhecimento do trabalho desenvolvido no âmbito da universidade levou o grupo à conquista de um espaço próprio, com a construção do "Prédio dos Laboratórios", que, no primeiro piso, possuía uma estrutura delineada especificamente para as atividades de ensino, pesquisa e extensão na área de educação especial.

Maria de Fátima destacou que já naquela época se trabalhava com a ideia da pesquisa-ação, envolvendo não somente as pessoas que eram atendidas no Grupo, Laboratório e depois no Núcleo, mas os demais sujeitos que estavam envolvidos no processo, como as crianças, os diretores, os professores, e até mesmo a família. Também foram desenvolvidas pesquisas com os diretores das escolas, com profissionais das secretarias de educação de vários municípios do Espírito Santo, além de outros sujeitos: "Tudo isso vinculado ao Grupo Emergente e ao Núcleo posteriormente, num movimento onde não

se dá para determinar períodos cronológicos estanques, mas um processo crescente de fase a fase, sem parar em momento algum”.

A criação da Habilitação “Magistério da Educação Especial – Problemas de Aprendizagem e Deficiência Mental” também entrou nesse processo, para chegar até onde se chegou, com uma estrutura física e uma credibilidade solidificada tanto no estado do Espírito Santo quanto no Brasil e em outros países. As pesquisas desenvolvidas no NEESP foram visibilizadas em eventos e publicações que mostravam aquilo que se fazia em termos de pesquisa e práticas. Isso tudo sem recursos financeiros e bolsa, mas com apoio do antigo Centro Pedagógico e com alguns recursos, principalmente materiais e pedagógicos, fornecidos pela Pró-Reitoria de Extensão. Segundo a professora Maria de Fátima,

A gente fez aquilo que era possível dentro daquilo que tínhamos naquela época. Com muito apoio da direção do Centro de Educação. Nossa credibilidade começou pela insistência e pela publicação e participação em eventos, como na Anped e outros, divulgando nossos trabalhos e nossas pesquisas. Depois chegaram outros professores, como Sonia Victor, Cida Barreto, Hiran Pinel, que foram dando mais gás àquilo que estava sendo construído. Além de muitos professores que hoje estão na UFES e que foram alunos da Pedagogia e da Habilitação em Educação Especial e que estão dando continuidade àquele trabalho iniciado lá atrás comigo, com Denise e com outros professores que hoje estão aposentados.

Quando questionada sobre como se sente, percebendo a abrangência e credibilidade do NEESP, sua inserção em outros estados e até mesmo em universidades de outros países, e sendo uma de suas criadoras, a professora nos disse que estaria mentindo se dissesse que não se sente orgulhosa:

[...] não no sentido de me achar... mas no sentido de ter tido oportunidade de ter contribuído de modo tão positivo para um Estado, além de que o trabalho realizado na UFES e no Núcleo me deu toda uma condição para, quando me aposentei e ingressei numa instituição privada de ensino, ter base argumentativa para dialogar no sentido de não conseguir uma habilitação específica, em função de uma série de questões, mas o fato de inserir no currículo obrigatório dessa faculdade duas disciplinas de educação especial, e hoje três, eu acho que formou e continuará formando outras gerações que têm interesse nessa área de conhecimentos. Esse é meu orgulho. E, assim, eu estou fora da academia, mas eu continuo acompanhando as notícias acerca das pessoas que passaram por mim. É como se fossem filhos meus e eu me realizando neles e nos estudos deles em mestrado e doutorado. A realização e o orgulho são nesse sentido. E se eu estivesse continuado na UFES eu tenho certeza de que estaria ainda no Núcleo. Se eu tivesse um pouco mais de calma, eu não teria me aposentado naquela época, eu poderia ter continuado a fazer uma coisa que sempre quis e sempre acreditei. Fiz, mas talvez pudesse ter feito mais.